

“Sepulcro vazio e sepulcros cheios”!

Na manhã gloriosa e bendita da Páscoa, os discípulos, informados pelas mulheres, correm ao sepulcro e descobrem-no vazio! Aquele que tinham matado, Aquele que haviam intentado calar para sempre, Aquele que incomodava os instalados e adormecidos, a Quem haviam condenado à morte infame de Cruz, tinha Ressuscitado para oferecer a Sua vida e a Sua paz a quantos se haviam decidido a «morrer» com Ele para o «homem-velho» com todos os seus trajes de mentira e opulência, de vaidade e de orgulho, de ciúme e de inveja, de maledicência e apatia, de avareza e auto-suficiência para assumirem as vestes novas da verdade e da reconciliação, da pureza e da disponibilidade, da pobreza e do amor incondicional.

Na manhã gloriosa da Páscoa percebe-se a vitória definitiva da morte nas suas tantas e diversificadas traduções de cada tempo da História; na Páscoa ergue-se, para sempre, a eloquência do Evangelho e morre, para sempre, toda a tentativa de implantação e vitória dos «venenos» cuspidos de dentro de demasiados corações!

Páscoa que será sempre «tarefa inacabada», missão a cumprir, até que todos os corações humanos pulsem ao jeito do Ressuscitado; Páscoa é apelo a que os corações transfigurados em sepulcros ainda cheios de teimosia e «lixo» espiritual, social, existencial, se deixem esvaziar pela força da morte de Cristo e da Sua Ressurreição!

Porque somos livres, podemos ou não, celebrar na verdade a Páscoa de Jesus de Nazaré; podemos sempre optar por entoar «Glórias» e «Aleluias» e permanecer "túmulos caiados de branco por fora e cheios de podridão por dentro"!

Podemos falar, proclamar, pregar, o sepulcro vazio e permanecer sepulcros cheios de ociosidade, de orgulhos vãos, de falsidades e mentiras espiritualizadas!

Podemos rir e sorrir «gritando» a beleza do sepulcro vazio do Senhor e continuar sepulcros cheios de incredulidade da radicalidade e exigência evangélicas, antes predispostos e disponíveis para o fácil, o cómodo, a indiferença, a rotina, a obstinação do coração!

Aos discípulos de Emaús ardia-lhes o coração bem por dentro ao deixarem-se encontrar pelo Divino Peregrino que com eles Se põe a caminho...

A nós urge acontecer esse ardor e esse arder; importa correr, como eles, de regresso a «Jerusalém», à vida verdadeira, à fé consciente, à Páscoa da vida concreta...

De sepulcros cheios de «nada» e de «lixo» é tudo o que o mundo não precisa!

Ousemos «aspirar às coisas do Alto» neste Tempo Pascal que nos é agora dado viver. Seja a fecundidade espiritual própria deste Tempo a ter e revelar os traços da verdade e do empenhamento, da lucidez e da humildade, do bom senso e da gratuidade... para que o mundo creia na força indestrutível do sepulcro vazio do Senhor Jesus...

Pe. António



Este mês, recorremos às recordações de um amigo de longa data, o António José de Oliveira Lima, 90 anos, da paróquia de São Francisco Xavier e que fez o Cursilho nº 1 de Luanda em Julho de 1963, há quase 48 anos.

Fizemos o convite que foi prontamente aceite e publicamos a entrevista:

1. Logo a seguir ao Cursilho, o que mudou em si?

O que mudou em mim foi passar de católico “praticante” a católico “militante”, pela revelação da força do baptismo e da revelação do contacto com Cristo Vivo e Deus e, ainda, a importância do Baptismo.

2. A seguir, foi integrado num Grupo e/ou Ultreia? Qual? Como funcionava?

Passei a ter um grupo com outros do meu cursilho e a frequentar a “ultreia de Luanda” (onde só havia uma única ultreia) que chegou a ter mais de 300 participantes, com muita frequência.

3. Como era o ambiente? Como e quem se «engravatava»? Era fácil ou complicado?

O ambiente em Luanda era muito aberto e era fácil encontrar os que deviam ser convidados para os Cursilhos (directores ou administradores de empresas, quadros superiores do Estado e de empresas particulares, etc., sem qualquer distinção racial.

Nunca senti problemas ou dificuldades para “engravar”; tivemos 80 e tal cursos de homens e 40 de mulheres, ou seja, perto de 130, em dez anos (63/73).

4. Qual o seu percurso no MCC?

Fui desafiado pelo D. Vitoriano, director espiritual dos primeiros Cursilhos de Luanda, a entrar para a Escola de Responsáveis, se queríamos que o movimento frutificasse, não só em Luanda como por toda a Angola.

No dia em que fomos todos chamados ao D. Vitoriano para ouvir as nossas respostas, eu ia muito aflito e preocupado com a fragilidade dos meus argumentos para recusar.

Para minha grande surpresa (um grande momento “próximo de Cristo”) quando chegou a minha vez, não disse nem sim nem não, apenas abanei a cabeça acenando “sim”.

Estive ao serviço da Escola de Responsáveis desde a 1ª Escola até que me coube, quase só “apagar as luzes e fechar as portas”. Julgo poder afirmar que estive sempre muito empenhado no Movimento (já lá vão mais de 47 anos).

Como responsável participei em vários Cursilhos, onde só nunca me coube ser o responsável pela campanha.

Fui várias vezes membro dos secretariados de Luanda e de Lisboa e em 73 fui nomeado Presidente do 1º Secretariado Provincial de Angola que não conseguiu realizar qualquer dos projectos acordados por todos os secretariados diocesanos, dado o 25 de Abril

5. Que grandes diferenças encontra entre o MCC de há uns anos e o de hoje? O que se fazia e deixou de se fazer mas... faz falta? O que poderia ser feito para melhorar a acção do Movimento, na Igreja e na sociedade?

Não posso fazer comparações entre o M.C.C. de Angola e o de Lisboa.

Os tempos são muito diferentes, mas julgo que a principal diferença está na falta do “sentido da responsabilidade” que vejo por toda a parte. Também julgo que não deve haver qualquer comparação entre o que se rezava antes e a força das intencções. Parece-me que falta um bocado de marketing.

Talvez faça, também, falta comemorar os aniversários dos Cursilhos e um pouco de marketing nos jornais e nos rádios católicos, com o anúncio dos Cursilhos a realizar proximamente, de encerramentos, publicações e vivências, etc.

Não me lembro de alguma vez ter lido na “Voz da Verdade”, por exemplo, qualquer referência aos Cursilhos.

4. No balanço dos vários anos de «4º dia» como geriu os «altos e baixos»? Da vida, da fé, do Movimento... O que alimentou a sua perseverança?

Nunca senti “altos e baixos” na minha vida de cursista, mas sim alguns desgostos e preocupações, especialmente quando exerci funções nos secretariados.

António Oliveira Lima

“Amar alguém é dirigir-lhe o mais forte e imperioso dos apelos: é alvoroçar nele um ser oculto e mudo que não pode deixar de acudir à nossa voz; tão novo que aquele que o transporta não o conhecia e, no entanto, tão verdadeiro que não pode deixar de o reconhecer, ainda que o veja pela primeira vez.
Amar alguém é chamá-lo à vida, é convidá-lo a crescer.”

Louis Evelyn



Foi este o projecto que nos propusemos levar a cabo com a certeza da presença e da ajuda do Senhor e com confiança na força da oração de tantos irmãos: Amar cada uma daquelas (vinte e três) que Deus nos entregou, ajudando-as a encontrarem ou reencontrarem esse ser novo e verdadeiro que transportavam em si, algumas sem o saber, encontrando simultaneamente Aquele que desinstala e envia aos outros que connosco se vão cruzando nos ambientes em que decorre o quotidiano da existência, especialmente àqueles mais carentes de afecto, do sentido de uma vida que seja Vida em abundância...

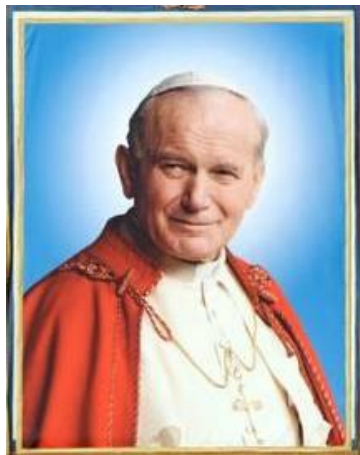
Assim, naqueles três dias do Cursilho, no nosso papel de pequenos pincéis cheios de fragilidades, de fraquezas e de falhas mas que, com toda a boa vontade e entrega, quiseram aceitar o desafio que lhes foi lançado, fomos, nós as da Equipa, assistindo à acção maravilhosa e sempre surpreendente do Espírito que sopra onde quer e que, à medida que se iam sucedendo os vários actos e intervenções, foi conduzindo as Cursilhistas ao abraço da Misericórdia do Pai, tão presente nos Sacramentos que Jesus deixou à Sua Igreja e que algumas descobriram ou redescobriram então... O convívio entre todas, os trabalhos em grupos, as intencções que puderam apreciar, as visitas ao Sacrário, tudo fez parte do feliz “entrançado” que constituiu o Cursilho, que constitui todos os Cursilhos e que só pode ter sido pensado por inspiração de Deus...

No jantar de sábado, uma das “novas” declarou sorridente: “Agora é que devíamos tirar a fotografia!...” De facto era enorme a diferença entre os semblantes inquietos e, alguns, tristonhos, de quinta-feira e os Sorrisos e a Alegria e a Esperança e a Luz que manifestavam então e que ficaram patentes, um pouco mais tarde, nos testemunhos dados na Clausura em que estiveram presentes muitos dos que rezaram.

“Participar num Cursilho é sempre uma graça!” – Referiu um dos Directores Espirituais na altura da reunião de balanço que a Equipa Dirigente levou a cabo e em que ficou evidente que o Senhor escolhe fracos instrumentos, “servos inúteis”, para que se perceba, sem sombra de dúvida, que a Força e o Poder vêm só d’Ele, são Seus, só Seus...

“Um Cursilho é sempre uma graça”... ...É, então, envolvendo-as em sentida acção de graças que, agora que a missão foi cumprida, fazemos nossas as palavras que surgiram em jeito de oração, espontaneamente cantadas, no momento da entrega dos crucifixos a todas as participantes e enquanto cada uma ouvia dizer : “Cristo conta contigo!” respondendo “E eu, com a Sua Graça!”: “E tudo isto por mim, tudo isto por mim, tudo isto, tudo isto, por mim!...”





"O dia esperado chegou! João Paulo II é beato!"

"E o dia esperado chegou! Chegou depressa, porque assim aprouve ao Senhor: João Paulo II é Beato! João Paulo II é Beato pela sua forte e generosa fé apostólica" – proclamou Bento XVI no dia 1 de Maio de 2011, data escolhida para a Beatificação devido à coincidência das datas que se conjugaram nesse dia:

- O segundo Domingo da Páscoa, que João Paulo II instituiu como Domingo da Divina Misericórdia; - o primeiro dia do mês de Maio, que é o mês de Maria, a quem João Paulo II tinha uma grande devoção, e ainda - o dia de São José Operário, adequado a um homem que foi trabalhador antes de poder seguir a sua vocação sacerdotal.

Na homilia o Santo padre Bento XVI destacou a força e coragem de João Paulo II, que "ajudou os cristãos de todo o mundo a não ter medo de se dizerem cristãos" e "a não ter medo da verdade". Recordou uma das frases mais emblemáticas do pontificado de João Paulo II, de forma a vincar um das heranças que o Papa polaco deixou à humanidade: **"Não tenhais medo! Abri, melhor, escancarai as portas a Cristo!"** – palavras que foram vividas por ele em primeira pessoa. "Aquilo que o Papa recém-eleito pedia a todos, começou, ele mesmo, a fazê-lo: abriu a Cristo a sociedade, a cultura, os sistemas políticos e económicos, invertendo, com a força de um gigante – força que lhe vinha de Deus –, uma tendência que parecia irreversível.

"Permaneceu sempre uma 'rocha'"

Bento XVI realçou o testemunho no sofrimento que foi dado por João Paulo II nos seus últimos tempos de vida. *"Impressionou-me o seu testemunho no sofrimento: pouco a pouco, o Senhor foi-o despojando de tudo, mas permaneceu sempre uma 'rocha', como Cristo o quis. A sua humildade profunda, enraizada na união íntima com Cristo, permitiu-lhe continuar a guiar a Igreja e a dar ao mundo uma mensagem ainda mais eloquente, justamente no período em que as forças físicas definhavam. Assim, realizou de maneira extraordinária a vocação de todo o sacerdote e bispo: tornar-se um só com aquele Jesus que diariamente recebe e oferece na Eucaristia."*

"Perfume da sua santidade"

Recordando que há cerca de seis anos a mesma praça de São Pedro se encontrava cheia de fiéis enlutados pela morte do Papa, Bento XVI referiu que *"já naquele dia sentíamos pairar o perfume da sua santidade"*. "Por isso, quis que a sua Causa de Beatificação pudesse, no devido respeito pelas normas da Igreja, prosseguir com discreta celeridade. E o dia esperado chegou! Chegou depressa, porque assim aprouve ao Senhor: **João Paulo II é Beato!**" afirmou, ao som de fortes aplausos da multidão.

(excerto da Homilia de Bento XVI)

Vai acontecer

Missa Penitencial pelo MCC	4 de Maio de 2011 - 6:30	Grande Lisboa	Igreja Paroquial de Algés
Ultreia Regional	3 de Junho de 2011 – 21:30	Grande Lisboa	Odivelas
8 a 11 de Junho 2011	Cursilho de Senhoras Nº 438	Torres Vedras	Basílica de Mafra
2 de Julho de 2011	Encerramento das Actividades		Penafirme

"Este espaço também é teu, podes e deves colaborar com partilhas, vivências, pessoais, de grupo, de ultreia; «O MASTRO» não surge para que nós possamos «ver» o que se passa nas Ultreias da nossa região, mas para que se «passe» vida e fé, através das suas páginas, nas pequenas comunidades que são os grupos e as Ultreias!"
Envia a tua partilha para mccgrandelisboa@sapo.pt, ou entrega na Ultreia que frequentas.